



ANO III — Março de 1971 — N.º 34 — Director: Pároco de Esposende - Portugal — Telef. 89291

COMPOSTO E IMPRESSO NA
Gráf. Editora do Cávado - Esposende

○ Carnaval é o tempo da alegria, a Quaresma é o tempo da tristeza.

Alegria e tristeza são o claro-escuro da vida do homem sobre a terra. Mesmo da vida do cristão.

Natal, alegria; Sexta-feira Santa, tristeza. Mas tristeza não é desespero, é penitência redentora. E só como penitência e tristeza se justifica. Um santo triste é um triste santo. A penitência redentora é salutar e nada tem a ver com a tristeza.

O Carnaval

surge no limiar da Quaresma. É mesmo a entrada nesse tempo de penitência. Por isso o povo lhe chama o Entrudo.

É uma despedida (Carnaval quer dizer: adeus à carne) e um convite. Despedida dos folguedos do mundo e das excessivas preocupações da terra; despedida da leviandade e também do pecado. Convite à reflexão, à reforma da vida, meditação.

Os mundanos — seguidos infelizmente por muitos cristãos — aproveitam estes dias de puras alegrias cristãs para se entregarem a toda a sorte de desvarios, ofenderem a Deus e a sua própria dignidade humana.

Não deveria ser assim porque o Entrudo é a preparação para a

Quaresma

que é tempo de vivência cristã em que o filho da Igreja pensa mais a sério na epopeia da nossa redenção operada por Jesus Cristo, e se prepara o Aléluia da Ressurreição.

Outrora na Quaresma guardava-se diàriamente abstinência, jejuava-se e fazia-se penitência. Era a ânsia de imitar os Quarenta Dias que Nosso Senhor passou no deserto fazendo orações e jejuns.

Hoje os tempos mudaram, mas as verdades permanecem as mesmas. A Santa Igreja reduziu os jejuns e as abstinências a pouco mais que símbolos, mas o espírito quaresmal ficou. A sua razão de exis-

(Continua na 2.ª pág.)

RESPEITO DEVIDO

As Igrejas, bem como outros templos destinados ao Culto Divino, merecem-nos o maior respeito, amor e veneração. São a casa de Deus no meio das nossas casas. Se tiverem Sacrário, com o SS.^{mo} Sacramento, esse respeito deve ser extremo. A presença real do Senhor foi sempre desejada pelo homem, mas sempre será digna de todo o respeito. O Senhor mesmo exigira esse respeito a Moisés, quando lhe aparecera na «Sarga Ardente» e lhe dissera: **Moisés, descalça-te, porque a terra que pisas é sagrada.** O Senhor exigira o mesmo respeito no Sinai, quando mandou delimitar o monte verde onde iria manifestar-se ao seu povo e proíbe que toquem esse monte sagrado. Homem ou animal que o tocassem, transgredindo esse preceito, seria morto.

Vem Cristo ao mundo e suporta todas as humilhações, as maiores ofensas e a própria morte, sem uma palavra de protesto... porém, protesta enérgicamente, toma chicotes e, irado, lança por terra as bancas dos comerciantes que profanavam o Templo de Jerusalém. *A casa de Meu Pai é uma casa de oração e vós fizestes dela um covil de ladrões.* Não suporta esta falta de respeito.

Posto isto, poder-se-á tolerar que numa Igreja se fale, se converse como num bar ou num café, se namore, se faça da Igreja um soalheiro para criticar a indumentária de noivos ou convidados de casamentos, se faça uma feira da ladra enquanto se aguardam casamentos, se combinem vidas, se dêem recados alheios aos actos de piedade ou outras atitudes irreverentes e desrespeitosas a um lugar sagrado? — De modo nenhum se poderá consentir um tal procedimento.

Sabemos que só falta ao respeito numa Igreja quem é mal educado, atrasado e inconsciente. Estes lugares exigem silêncio, recolhimento, respeito no vestir, no andar e nas posições que se tomam.

Nem é lugar apropriado para apresentar cumprimentos de pésames, em missas do 7.º dia. Tais cumprimentos deverão ter lugar numa sacristia, ou fora das portas da Igreja.

Continuemos, pois, a guardar todo o respeito devido aos Lugares Sagrados e estaremos a dar nota positiva da nossa fé e da nossa educação.

MOVIMENTO RELIGIOSO

Em FEVEREIRO

Baptismos

Dia 6 - Deolinda da Silva Guimarães, filha de Augusto Alves Guimarães e de Lucinda Alice da Silva Vilas-Boas, residentes no Bairro dos Pescadores, 5.

7 - Maria Filomena de Sá Gomes, filha de António Martins Gomes e de Maria das Dores Moreira de Sá, residentes na Rua Vasco da Gama, 23.

14 - José Miguel Gonçalves de Sousa, filho de José de Barros Sousa e de Maria Esmeralda Loureiro Gonçalves M6, residentes no Bairro dos Pescadores, 10.

Casamentos

Dia 21 - Ramiro Alves de Miranda, natural de Gemeses, filho de Júlia Alves de Miranda, com Lúcia Gonçalves da Silva, de Palme - Barcelos, filha de Bernardo Bernardino da Silva e de Carolina Gonçalves de Sá.

Apresentamos felicidades.

Óbitos

Dia 13 - Teresa Ribeiro Viana, de 84 anos de idade, solteira, doméstica, natural desta Vila onde residia na Rua 1.º de Dezembro.

Os nossos Benfeitores

Pelo número anterior recebemos:

5\$00 - Maria da Soledade V. Loureiro, Orlando da Silva Afonso, Samuel V. Santos, Júlia M. Fernandes Carneiro, Bernardete Carneiro, Floriania Dias, Manuel da Silva Pinto, Armindo Gomes, Dr. Belchior, Sr. Marques, Manuel P. Barreira, Ciloca, Esnestino Miranda, António Pilar, Matias Costa e José A. Costa.

Sem tempo determinado ofereceram:

50\$00 - Major António F. R. Areia (Moçambique), António V. Vilas-Boas, Domingos Veloso e Manuel Maria M. S. Costa (Timor).

30\$00 - Anónimo (Apúlia).

20\$00 - Manuel Maria F. Vasquinho (Ultramar), Manuel Miranda Figueiredo (França) e António Losa.

O sr. António encontra-se doente e foi consultar um médico; este procede a um interrogatório, e pergunta-lhe:

- O sr. recorda-se de qualquer prato que lhe fizesse mal?

- Recordo, sim, sr. Doutor!

- E que prato foi esse?

- Um de Sacavém, que minha mulher me atirou à cabeça.

NOVIDADES

- No dia 6 de Fevereiro p. p., no Bom Jesus do Monte, em Braga, uniram-se pelos laços do matrimónio, a Snr.ª Prof.ª D. Maria Luísa Beirão Faria Lamela, desta Vila, filha de Luís Ernesto de Andrade Faria Lamela e de D. Joaquina da Silva Beirão, com o Snr. Dr. José Martins Gomes dos Santos, natural de Vila-Mou, Viana do Castelo, filho de Manuel Gomes dos Santos e de Maria Martins Paradela.

Os noivos seguiram no dia 12 para Cabo Verde onde o noivo cumprirá serviço militar e a noiva leccionará na Escola do Magistério Primário da cidade da Praia.

- No dia 14 de Fevereiro teve lugar a Reunião Mensal da Juventude. Depois de um tema de estudo sobre o Carnaval, falou-se na possibilidade de se efectuar uma Via-Sacra para jovens, integrada nas Solenidades da Semana Santa e um passeio de jovens no próximo verão,

- No dia 21 de Fevereiro tomou posse da vizinha freguesia de Marinhas, como pároco, o Rev.º Sr. P.º Avelino Marques Peres Filipe a quem apresentamos sinceros parabéns e votos de felicidade.

- Tudo se prepara para a realização das Solenidades da Semana Santa, como nos anos anteriores.

- Durante o mês de Fevereiro tiveram o seu termo os Cursos de Noivos e de Formação Familiar. Os resultados ver-se-ão na vida de cada participante, mas cremos que tenham sido óptimos.

Os nossos sinceros agradecimentos a todos quantos colaboraram nestes cursos, e a quem, tão generosamente, nos emprestou os aposentos onde eles funcionaram.

- Iniciamos, neste número, a publicação duma série de *Cartas a um jovem*, da autoria do Rev.º P.º Domingos Silva Araújo, Dig.º Director do «Diário do Minho».

Carnaval Quaresma

(Continuação da 1.ª pág.)

tir é a preparação para a Ressurreição, para o apelo à vida. E assim continuam a ter significado as pregações quaresmais e as confissões e as comunhões anuais que se fazem neste tempo.

Na Quaresma deve o cristão interiorizar profundamente e alimentar-se do espírito da Redenção de Cristo. Assim se conforma com a Liturgia e mediante ela com a Santa Igreja que é a presença visível do Mestre junto de nós.

A Redenção de Cristo foi em sangue para significar que dor e amor se juntam no coração humano. Quem ama sofre. Cristo amou e sofreu. Nós temos de sofrer para depois amarmos. Este é o caminho que o Filho de Deus nos mostrou. Outro não nos indicou. Nem nós o podemos inventar.

**Assim, que o Carnaval seja cristão;
Que a Quaresma seja cristã;
Que cristãos sejamos nós, cristãos que
vivem da sua fé.**

TRAGÉDIA EM QUATRO ACTOS

PRIMEIRO ACTO: - SÓ ÁGUA

Querido leitor, peço-te que medites no começo, no desenvolvimento e no fim de todos os vícios para que os destruas e os venças desde o princípio. Tudo depende do começo.

Vês aquele homem sentado à mesa? É o Senhor Ambrósio. Não provava vinho, nem aguardente, nem licores. Mas tinha amigos alcoólicos que lhe diziam;

- Tu não calculas como é boa a aguardente. Prova um pouquinho, só um pouquinho.

Ambrósio respondia: - Deixai-me, eu só bebo água. Só água.

SEGUNDO ACTO: - COM ÁGUA

Mas Ambrósio, em vez de abandonar os seus amigos alcoólicos, continuou com eles. Diziam-lhe:

- Mas, Ambrósio, não sejas criança. Pareces um pateta. Prova, pelo menos.

- Não, não, para mim só água.

Eles, porém, insistiam: - Vamos, ao menos, um pouquinho. Verás que não te faz mal.

- Bem, para dar-vos gosto, - respondeu - provarei uma vez, mas com água e muito pouquinho. Deitai umas gotas para ver. Meio cálix de aguardente com meio cálix de água.

Bebeu um cálix, não lhe desgostou e disse-lhes: - Assim, com água pode passar.

- Bem, homem - insistiam os amigos - a água deita a perder a aguardente. Tens que provar sem água.

- Não, não, sem água não - respondeu com energia.

Em vez de procurar outros, continuou com aqueles. Onde o levarão?

TERCEIRO ACTO: - SEM ÁGUA

Mas Ambrósio não deixou os seus companheiros alcoólicos. De tanto lhes ouvir dizer que a água estraga a aguardente, num dia em que ninguém o via, tirou uma garrafa de aguardente, pegou num cálix e deitou nele o sedutor líquido, até enchê-lo. E desta vez bebeu sem água. Bebeu-o e soube-lhe bem. Para melhor se dar conta do gosto, bebeu outro cálix.

E ele que antes só queria água, começou a beber sem água. Que prazer! Que bom aquilo era! Tanto lhe brilhavam os olhos que parecia ver duas pessoas em vez duma, à sua frente.

QUARTO ACTO: - COMO ÁGUA

O pobre Ambrósio andava agora por todas as partes, como um bêbado qualquer, rodeado por garotas a rir-se dele, porque já não bebia só água, nem com água, nem sem água, mas como água, aos copos. Coitado do Ambrósio! Tornou-se alcoólico, pôs-se louco e morreu vergonhosamente num hospital.

Assim acabou, seguindo estes quatro degraus: 1.º Só água; 2.º Com água; 3.º Sem água; 4.º Como água.

Não vez nesta história, querido leitor, o princípio, meio e fim de todos os vícios? Foge das más companhias!

EU, PECADOR, me confesso

Eu pecador, me confesso de não pagar o salário justo;

de abusar da necessidade alheia emprestando dinheiro por um juro superior ao legal;

de não pagar as dívidas que tenho;

de não aparecer a horas no emprego;

de desperdiçar os materiais;

de não ter repartido a minha riqueza;

de gastar em luxos quando à minha roda se vive na miséria;

de manter esburacadas as casas dos meus caseiros;

de dar uma alimentação menos boa e um quarto menos asseado e digno aos meus empregados;

de ter comprado testemunhas falsas e abafado, com a minha influência e o meu dinheiro, as patifarias de certa gente;

de ter exigido dos outros o que não sou capaz de fazer e de lhes impor uma carga que eu não consigo levar;

de pretender dominar os outros, de não ligar importância aos outros, de querer que todos pensem como eu e tenham os gostos que tenho;

de atentar contra a vida do próximo exagerando na velocidade do meu automóvel;

de mudar de carro com mais facilidade do que outros mudam de camisa;

de não ter ajudado nos estudos os filhos dos meus empregados;

de ter abusado das minhas empregadas;

de ter distribuído revistas inconvenientes;

de ter difamado e caluniado o semelhante;

de tratar os filhos dos ricos com mais carinho do que os filhos dos pobres;

de ter apertado a mão a uns e voltado as costas aos outros;

de não ter educado convenientemente os filhos;

de não ter vendido terrenos por preço acessível a quem necessita de construir a sua casa;

de usar do cargo que tenho para defesa dos meus interesses em vez de servir a comunidade.

Eu pecador, me confesso. Me confesso, Senhor de tudo isto e do mais com que Te ofendi não cumprindo os meus deveres, não fazendo o que devia, não amando os outros. Porque Tu, Senhor, estás nos outros, nos outros de quem eu abuso, nos outros a quem despreito, nos outros de quem escarneço, nos outros a quem não ajudo.

Eu, pecador, me confesso.

Perdoa-me, Senhor!

N. B. - Se entre o que acabo de escrever e a realidade houver alguma semelhança, trata-se de mera coincidência.

P. Domingos.

Se Ambrósio tivesse deixado logo no princípio os companheiros alcoólicos, nunca chegaria tão baixo. Porque o não fez porque foi cedendo, passo a passo, que desgraçado se tornou!

Ninguém nasce bêbado, nem fumador, nem mau. Como se ganham esses e outros vícios? Quase sempre por causa das más companhias.

Junta-te aos bons e serás um deles.

Junta-te aos maus serás como eles.

(De «O Clarim» N.º 7 de 1970).

Cartas a um Jovem

Meu Caro:

O que vais ler é fruto de uma grande meditação a propósito de ti e dos teus problemas. Escrevi-o em forma de carta, na ânsia de o impregnar de uma grande intimidade, fazendo disso encontro de duas almas que Deus criou irmãs.

Vou conversar contigo em **cinquenta** cartas. Pensaremos, ao longo delas, sobre quase outros tantos problemas.

Como e onde surgiram estas cartas?

Não to sei dizer bem. Vieram-me da necessidade de te falar. Redigi-as a pensar em ti e nos teus colegas. Acredita . . . Um foram escritas no café, outras à mesa da sala de jantar, outras no intervalo das aulas e algumas rascunhadas leve e toscamente nos bancos das camionetes.

Procurei que nelas falasse o coração e a inteligência. Evitei, no entanto, dar-lhe o ar pesado de meditadas lições. Eu não ensino nada. Dialogo contigo, e desta conversa nasce um enriquecimento mútuo, surge uma comunicação de ideias e sentimentos.

Não inventei nada do que te digo. Nada de novo debaixo do sol, acredita.

Não cito fontes porque nem sei quais elas foram. No decorrer da conversa falar-te-ei deste ou daquele livro, onde, a propósito, poderás ver alguma coisa.

Ao escrever quanto se vai seguir tive um único desejo: de te ajudar. Dir-me-ás, quando nos encontrarmos, se o consegui.

Abraça-te no Senhor o

P. Domingos

I

SÊ UM HOMEM

Não sei quem és. Estudante ou operário, empregado comercial ou funcionário público sejas quem fores, a ti me dirijo e contigo pretendo dialogar.

Não te conheço, mas amo-te.

Não te conheço? Não é verdade. A sê-lo, como poderia amar-te?

Conheço-te, e conheço-te bem. Nem sei de cor a tua fisionomia. Ignoro o colorido dos teus olhos e o liso ou ondulado dos teus cabelos. No entanto vi a tua alma, vi a tua Juventude, vi a tua ânsia de superação, vi o teu desejo de Amor, vi a loucura (chamam a isso loucura) dos teus sonhos, vi a generosidade do teu coração, porque vi tudo isto fiquei a conhecer-te e amar-te. Gerou-se em mim o desejo incontido de te procurar para te dar um abraço e te apresentar este novo amigo.

Este novo amigo!

Há lá rapaz a quem não estime?! Se gosto de todos os bons frutos, por que não hei-de amar todas as boas flores e oscular todos os bons botões?!
És um botão onde ponho muitíssimas esperanças. Pensando em ti, antecipadamente admiro a grandeza das tuas futuras acções. É por isso que te amo.

Amo o teu idealismo de um mundo sem barreiras nem montanhas.

Amo a tua ânsia de Verdade e de Beleza.

Amo a doçura dos teus sorrisos.

Não esqueçais o vosso dever

Estamos chegados à Páscoa: - todo o bom católico mesmo ausente não deixa de fazer uma boa confissão, comungando depois fervorosamente. Deste modo cumpre-se o preceito da desobriga.

De resto bem sabeis quem, com quem Deus anda, Deus o ajuda.

Os emigrantes da região de Paris podem encontrar padres portugueses na Avenida Dusquene, 41. Os da região de Loiret encontram todos os sábados, a partir das 16 h. um sacerdote que confessa em português na igreja paroquial de Vesines (Chalette).

Os da Região de Clermont-Ferrand, recorrem à Missão Católica instalada na Rua de S. Lourenço, n.º 5.

De resto nas igrejas das regiões onde há emigrantes portugueses em número considerável, costuma haver umas listas em português e francês, que os Confessores entregam aos portugueses para lhes facilitar a tarefa.

Passatempo

A chuva batendo de mansinho é um horror para os que, à noite, não têm o pequeno écran da T. V. as grandes exhibições do cinema ou do teatro, os jogos mais requintados, os cafés, as reuniões de família, etc., etc.. Nada disto tinham dois bons frades do Monte Cassino, que, castigados por pequenas faltas à oração e ao retiro da cela, resolveram inventar algo para passar os seus longos serões do enfadonho inverno.

Resolveram então aqueles frades; seguidores da Ordem de S. Bento, intreter-se com um jogo feito de pequenas pedras brancas, distinguidas por pintas pretas.

Jogavam, voltavam a jogar e... quando sentiam os passos do superior, escondiam as pedrinhas e rezavam o Salmo «Dixit Dominus DOMINO . . .».

O superior chegava, e ouvia sempre a terceira palavra da oração DOMINO . . .

Foi assim que nasceu o jogo do DOMINO . . .

Uma bela distracção, um belo passatempo para os longos serões de inverno.

- Amigo: Vem à Escola de Cristo e aprende a sofrer sorrindo, para ensinares a sorrir quem sofre.

Amo o inexperiente das tuas crónicas e dos teus escritos.

Amo os novos ritmos da tua poesia.

Amo a tua Juventude.

Amo as tuas traquinices e os teus divertimentos, desde que sejam decentes e arranquem aos outros sonorinhas gargalhadas.

Amo o farol vivo dos teus olhos a projectar raios de intensa luz sobre um mundo de cegueira, e o cachoar da tua vida, sempre agitada, a mostrar-nos que nem tudo é cansaço num ambiente em que se respira o tédio.

Amo-te, e porque te amo quero que sejas um **HOMEM**. Estamos de acordo?